


Espaço, debate e (in)visibilidade: estudos sobre terreiros de candomblé em revistas brasileiras de Geografia (2000-2019)


Emerson Melo

Universidade do Estado de Minas Gerais,
Carangola, MG, Brasil
meloemersonc@gmail.com

 0000-0002-4395-2517

Aline da Fonseca Sá e Silveira

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso
Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
silveira_geo@yahoo.com.br

 0000-0003-0690-2809

p. 581-599

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 24 • nº 3 (2020)

ISSN 2179-0892

Como citar este artigo:

MELO, E.; SILVEIRA, A. F. S. Espaço, debate e (in)visibilidade: estudos sobre terreiros de candomblé em revistas brasileiras de Geografia (2000-2019). **Geosp – Espaço e Tempo** (On-line), v. 24, n. 3, p. 581-599, dez. 2020. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/173361>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2020.173361>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 Licence

Espaço, debate e (in)visibilidade: estudos sobre terreiros de candomblé em revistas brasileiras de Geografia (2000-2019)

Resumo

Este artigo põe em evidência estudos sobre as dinâmicas socioespaciais inerentes aos processos de formação, organização e gestão dos terreiros de candomblé publicados em revistas brasileiras de Geografia entre 2000 e 2019 e, com isso, mostra a pouca visibilidade desse debate no âmbito da ciência Geográfica. Essa crítica foi elaborada a partir de referenciais metodológicos quantitativos e qualitativos empregados no levantamento bibliográfico realizado no acervo *on-line* de 88 periódicos de Geografia, classificados pelo sistema de avaliação Qualis Capes (quadriênio 2013-2016/2019) em: A1 e A2, periódicos de excelência internacional; B1 e B2, de excelência nacional; B3, B4 e B5, de média relevância, e C, de baixa relevância científica, compondo uma base de dados de 2.341 exemplares de revistas analisadas.

Palavras-Chave: Geografia e candomblé. Religião afro-brasileira. Revistas brasileiras de Geografia.

Space, debate and (in) visibility: studies about terreiros de Candomblé in Brazilian Geographic journals (2000-2019)

Abstract

This article highlights the studies about socio-spatial dynamics inherent to the processes of formation, organization and management of the *terreiros de Candomblé* published in Brazilian Geographic Journals between 2000-2019 and demonstrates, with this, the low visibility of such debates within the scope of Geographic Science. The criticism in question was elaborated from quantitative and qualitative methodological references used in the bibliographic survey carried out in the on-line collection of 88 Geography journals, classified by the Qualis

Capes Evaluation System (quadrennium 2013-2016 / 2019) in: A1 and A2 journals of international excellence; B1 and B2 national excellence; B3, B4 and B5 of medium relevance and, still, C of low scientific relevance, composing a database of 2.341 copies of analyzed magazines.

Keywords: Geography and candomblé. Afro-brazilian religion. Brazilian journals of Geography.

Espacio, debate y (in) visibilidad: estudios sobre terreiros de candomblé en revistas geográficas brasileñas (2000-2019)

Resumen

El presente artículo destaca los estudios sobre la dinámica socioespacial inherente a los procesos de formación, organización y gestión de los terreiros de Candomblé publicados en las revistas geográficas brasileñas entre los años 2000-2019 y demuestra, con esto, la poca visibilidad de tales debates dentro del alcance de la Ciencia Geográfica. La crítica en cuestión se basó en referencias metodológicas cuantitativas y cualitativas utilizadas en la encuesta bibliográfica realizada en la colección en línea de 88 revistas de Geografía, clasificado por el Sistema de Evaluación Qualis Capes (cuatrienio 2013-2016 / 2019) en: A1 y A2 revistas de excelencia internacional; B1 y B2 excelencia nacional; B3, B4 y B5 de relevancia media y, aún, C de baja relevancia científica, componiendo una base de datos de 2.341 ejemplares de revistas analizadas.

Palabras clave: Geografía y candomblé. Religión afro-brasileña. Revistas brasileñas de Geografía.

Introdução

Os dados bibliográficos selecionados para a elaboração deste estudo foram coletados em 2019, durante a realização do projeto “Os estudos sobre os terreiros de candomblé nas revistas brasileiras de Geografia: mapeando e registrando tendências e perspectivas socioespaciais”, implementado pelo Núcleo de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Minas Gerais, *campus* Carangola (Neab-UEMG). O principal objetivo do projeto era identificar e mapear no acervo *on-line* das revistas brasileiras de Geografia, classificadas pelo sistema

de avaliação Qualis Capes¹ como A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, os estudos sobre temas atinentes ao processo de formação, organização e produção dos terreiros de candomblé e, ainda, as dinâmicas afrorreligiosas que se estendem para além dele, independentemente das categorias de análise e/ou dos métodos aplicados em sua realização, desde que estivesse no escopo da Geografia.

Sendo assim, para compreensão da reflexão proposta, dividiu-se o presente artigo em duas seções. A primeira constituindo-se a partir da caracterização do universo metodológico e operacional empregado para composição da base de dados da pesquisa e; a segunda, por sua vez, fora dividida em dois momentos: o primeiro apresenta os estudos que podem ser considerados pioneiros no debate geográfico, por se dedicarem a compreender os terreiros de candomblé como fenômenos socioespaciais, e o segundo traça um panorama (pelo estabelecimento de eixos de análises específicos) das diferentes abordagens empregadas nos estudos sobre terreiros de candomblé publicados entre 2000 e 2019 em periódicos de Geografia.

Cabe ressaltar que, durante a pesquisa, foi notória a baixa produção científica de estudos sobre a questão afrorreligiosa e, conseqüentemente, sobre terreiros de candomblé no âmbito da ciência Geográfica, questão que, a nosso ver, tem raízes históricas nas tradições das diversas correntes geográficas em considerar o fenômeno afrorreligioso como um “não objeto” de estudo, excluindo de sua materialidade existencial o fenômeno socioespacial, o qual lhe é inerente.

Portanto, é sob a crítica apontada que se ressalta a relevância deste estudo, o qual, a partir do encontro de abordagens quantitativas e qualitativas, faz um “inventário” bibliográfico dos estudos sobre terreiros candomblé produzidos à luz da Geografia nas duas últimas décadas. Exercício esse que se espera concorra para promover novas e/ou outras abordagens, ampliando o debate sobre o fenômeno afrorreligioso no âmbito da ciência Geográfica.

O método, a operacionalidade da pesquisa e a composição da base de dados

Historicamente, os métodos quantitativo e qualitativo foram considerados como perspectivas antagônicas, condição que restringiu o uso e a aplicação do método quantitativo à produção de análises estatístico-matemáticas, enquanto o método qualitativo teve mais influência no campo interpretativo das teorias hermenêuticas e crítico-sociais (Sposito, 2004).

Contudo, muitos pesquisadores têm apontado os problemas dessa dicotomia em estudos realizados no âmbito das Ciências Humanas, principalmente naqueles que demandam a interface entre ambos os métodos. É nesse sentido que Boaventura de Sousa Santos (1993) sinaliza a necessidade da aproximação e diálogo entre os diferentes métodos científicos para a análise dos fenômenos sociais.

Sendo assim, empregamos nesta pesquisa os pressupostos investigativos dos métodos quantitativo e qualitativo. Pois, o encontro das abordagens em questão possibilita tanto a quantificação, quanto a sistematização crítica de dados primários e secundários que demandam análises crítico-sociais de dados matemático-estatísticos.

¹ Qualis é o conjunto de procedimentos com que a Capes estratifica a qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. O processo foi concebido para atender a necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do módulo Coleta de Dados da Plataforma Sucupira. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para divulgar sua produção (Plataforma Sucupira, [s.d.]).

Exercício necessário, pois, a partir dos anos 2000, os periódicos acadêmicos migraram para as plataformas eletrônicas da *web*, deixando para trás o modelo de circulação em meio impresso, o que provocou mudanças significativas na organização das revistas. Entre elas, a elaboração de uma plataforma na *internet* que, além de divulgar novos exemplares em escala global, consolidou-se como uma biblioteca *on-line*. Um ambiente virtual de pesquisa que gerou, em cada uma das plataformas das revistas, uma base incomensurável de dados bibliográficos e, conseqüentemente, a necessidade da elaboração de ferramentas de buscas mais precisas para a consulta ao acervo disponibilizado, o que, a nosso ver, justifica o uso neste estudo de técnicas quantitativas para identificar, classificar e tabular os dados coletados e, ao mesmo tempo, de técnicas qualitativas para a realização da análise crítica do material coletado.

Quanto às etapas da pesquisa e à operacionalização dos levantamentos realizados, aplicaram-se os seguintes critérios de investigação e análise:

- I. mapeamento e catalogação das revistas brasileiras de Geografia segundo os critérios de avaliação adotados pelo Sistema Qualis Capes: A1 e A2, periódicos de excelência internacional; B1 e B2, de excelência nacional; B3, B4 e B5, de média relevância, e C, de baixa relevância científica;
- II. consulta ao acervo *on-line* nas plataformas *web* e seleção das edições publicadas entre o primeiro semestre de 2000 e o segundo de 2019;
- III. levantamento bibliográfico nos exemplares selecionados pela análise dos títulos e resumos;
- IV. aplicação de filtro de pesquisa por meio de palavras-chave específicas como: terreiros, candomblé, Xangô,² religiões afro-brasileiras e de matriz africana para selecionar artigos que discutissem dinâmicas socioespaciais que envolvem terreiros de candomblé.

Os dados coletados foram armazenados em planilhas em formato *xlsx*, o que possibilitou categorizar as informações e organizá-las de acordo com os objetivos da pesquisa. No que tange ao tratamento das informações foram utilizados os seguintes critérios de análise: classificação Qualis Capes dos periódicos, nome das revistas, ano de fundação, registro do volume e do número das revistas analisadas e a quantidade de exemplares. Nesse caso, quando se identificaram artigos sobre o tema em debate, foram adicionados o/s nome/s do/a/s autor/a/es/as, título do artigo, volume e número da edição e, por fim, o ano de publicação.

Tendo em vista a salvaguarda dos dados coletados, faz-se importante frisar que, por considerarmos o debate sobre o processo de constituição, organização e produção socioespacial dos terreiros de candomblé um fenômeno inerente ao campo de análise da Geografia Humana, as revistas brasileiras de Geociências e de Geografia Física foram excluídas do ambiente da análise.

Acrescenta-se, ainda, que muitos dos periódicos analisados iniciaram suas edições antes dos anos 2000, ou em data posterior, e que muitas encerraram suas publicações antes de 2019. Além de outras que apresentaram lacunas temporais entre as edições, como é o caso do

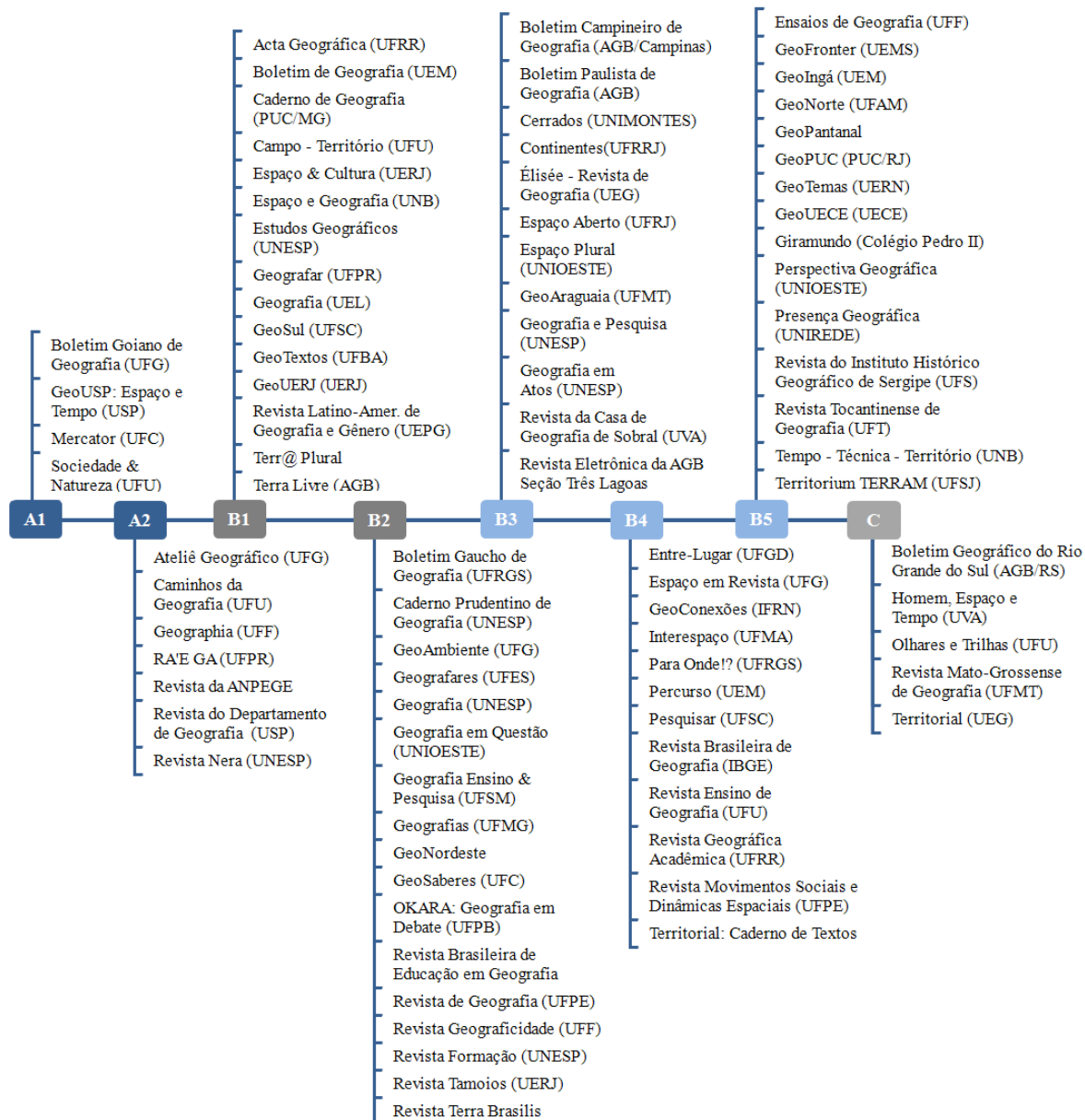
² Xangô é o termo empregado em alguns estados do Nordeste brasileiro, como Pernambuco e Alagoas, para definir terreiros de candomblé e/ou batuques de candomblé.

Boletim Paulista de Geografia (AGB-SP), com a primeira edição datada em 1949 e a última, até o momento, publicada em 2018. Nesses casos, foram averiguadas todas as edições publicadas no período de análise selecionado, independentemente do número de seus exemplares.

Assim, seguindo os critérios investigativos e de análise (i e ii) listados anteriormente, foram identificadas e selecionadas para composição da base de dados primária: quatro revistas A1, sete A2, 15 revistas B1, 17 revistas B2, 12 revistas B3, 13 revistas B4, 15 revistas B5 e cinco C, perfazendo 88 revistas brasileiras de Geografia (Figura 1) e um total de 2.341 exemplares publicados entre 2000 e 2019.

Com o estabelecimento da matriz primária para composição do banco de dados, foi realizado o levantamento bibliográfico nos exemplares selecionados a partir da análise dos títulos e resumos (critério de análise iii) e, em seguida, aplicado o índice de busca por meio das palavras-chave (critério de análise iv), o que nos possibilitou identificar 18 revistas, das quais apresentaram 28 exemplares com artigos sobre terreiros de candomblé (Gráfico 1).

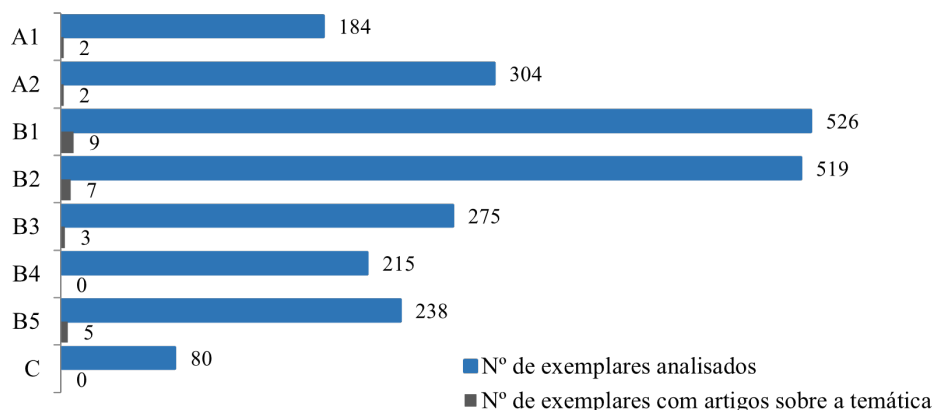
Figura 1 – Composição primária do banco de dados



fonte: Os autores.

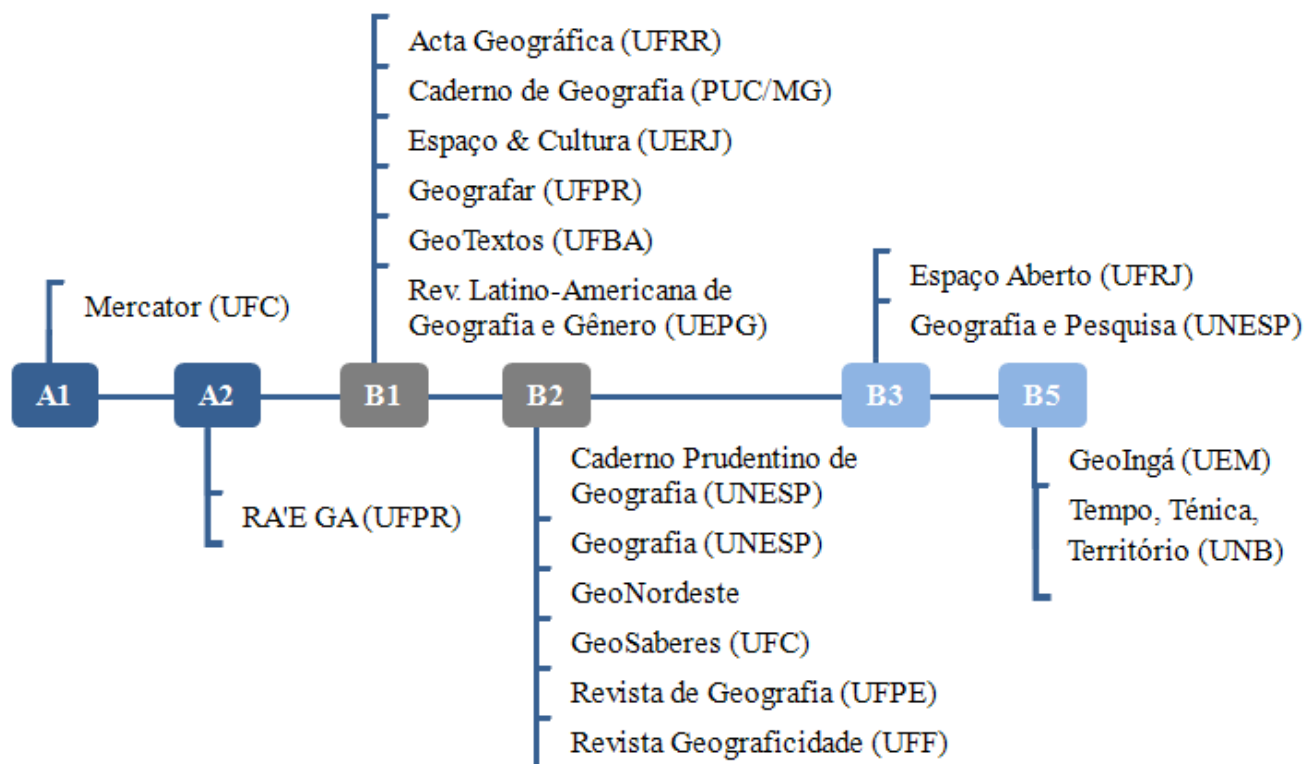
É importante ressaltar que, após a aplicação dos critérios de análise iii e iv à matriz primária de dados, o quadro geral diminuiu de 88 para 18 revistas com artigos sobre terreiros de candomblé, uma redução aproximada de 80% do número de revistas, redesenhando consideravelmente seu campo de abrangência (Figura 2).

Gráfico 1 – Número de exemplares analisados por critério de seleção de área – Qualis Capes



fonte: Os autores.

Figura 2 – Revistas brasileiras de geografia com estudos sobre o tema analisado



fonte: Os autores.

A análise em tela, nos possibilitou, a priori, identificar a baixa produção científica de estudos sobre terreiros de candomblé divulgados por revistas brasileiras de Geografia e, conseqüentemente, indagar os motivos do não interesse dos geógrafos em estudos sobre religião.

Questão apontada por Rosendahl (2003), que, buscando as razões do distanciamento entre Geografia e religião, sinaliza que sua raiz repousa na tradição do pensamento geográfico de defender a “neutralidade/imparcialidade” e a “intencionalidade” de suas abordagens.

Nesse caso, a autora lembra que, sob influência do positivismo, a Geografia era caracterizada como uma ciência natural, logo, estava preocupada com a descrição, categorização e mensuração de fenômenos naturais. Portanto, as relações sociais não faziam parte de seu corpo de análise. Lembra também que tanto o positivismo “idealizado” no século XIX como o neopositivismo que (re)influenciará as análises geográficas nos anos 1920 assumem um perfil anti-idealista, o que dificultava ainda mais o desenvolvimento de estudos geográficos acerca da questão religiosa e, quando sinalizada essa questão em estudos de Geografia, “a dimensão religiosa era abordada em análises regionais, constituindo-se em classificações dos tipos de efeitos da religião sobre a paisagem” (Rosendahl, 2003, p. 2).

No que se refere à influência do marxismo na Geografia, a autora pontua:

Os geógrafos críticos, preocupados em analisar a estrutura sócio-espacial, identificaram-se bastante com questões que refletiam as contradições do modo de produção capitalista. Sob o paradigma do materialismo histórico e dialético os geógrafos marxistas raramente se interrogam sobre as condições de formação e de distribuição das opiniões religiosas (Rosendahl, 2003, p. 2).

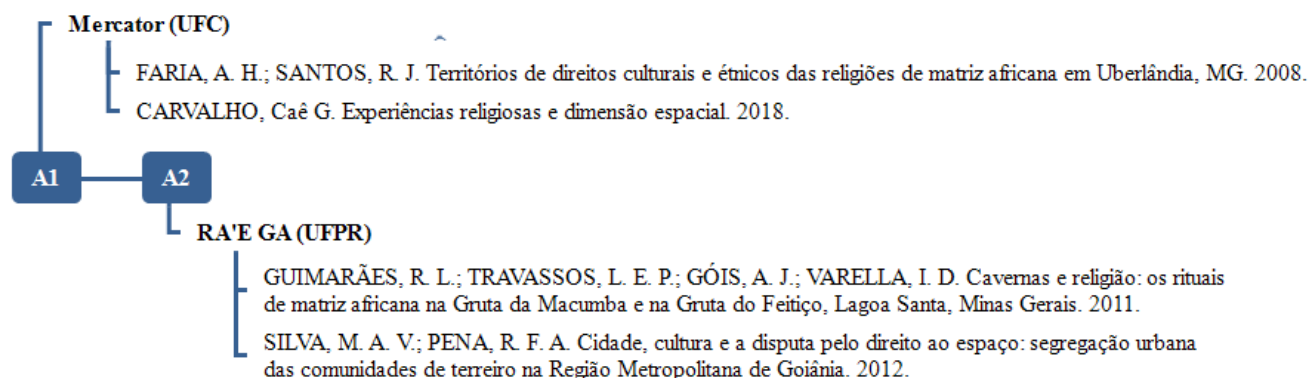
Segundo a autora, os estigmas “marginais” que envolvem o debate religioso só foram superados depois de se consolidarem as abordagens propostas pela Geografia Humanista, a partir da compreensão das relações e experiências do mundo vivido:

A crítica à visão reducionista do homem, principalmente após 1970, favoreceu aos geógrafos humanistas considerar em suas análises os sentimentos e a privilegiar a compreensão das relações entre os homens e seu mundo. Essa perspectiva humanista defende a dimensão subjetiva e a experiência vivida pelo indivíduo e os grupos sociais. Assim, os geógrafos humanistas propõem uma compreensão do homem, não somente em sua percepção do mundo, mas também pelo imaginário que elabora acerca do meio em que vive. Os estudos da relação ontológica entre Deus, o homem e o espaço torna-se possível (Rosendahl, 2003, p. 2).

Com base na crítica mencionada, não seria um erro afirmar que a ausência de estudos sobre religião e, conseqüentemente, sobre religiões afro-brasileiras esteja diretamente relacionada a fatores sócio-históricos que delinearão os campos de abordagem das distintas correntes interpretativas da Geografia. Fatores que, a nosso ver, influenciaram e ainda influenciam as revistas na escolha de temas e/ou abordagens que devem divulgar em seus exemplares.

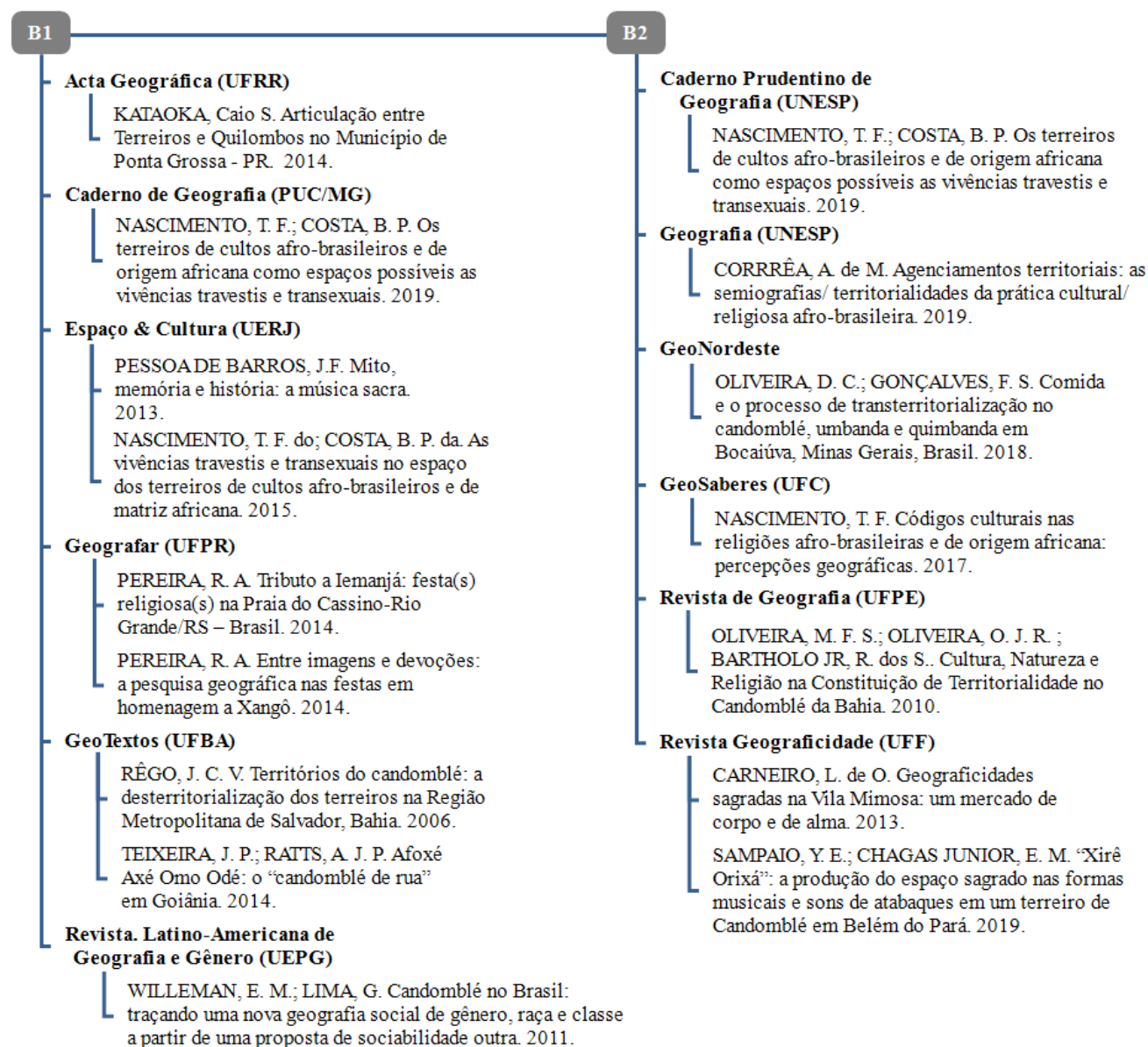
Retomando a análise quantitativa, cabe pontuar que, entre os 28 exemplares encontrados, foram identificados dois artigos em revistas classificadas como A1; dois em revistas A2; nove em revistas B1; sete em revistas B2; três em revista B3 e cinco em revistas B5, perfazendo 28 artigos, como se vê nas Figuras 3, 4 e 5. As revistas classificadas como B4 e C não apresentaram abordagens sobre o tema analisado.

Figura 3 – Artigos publicados em periódicos de excelência internacional (A1/A2)



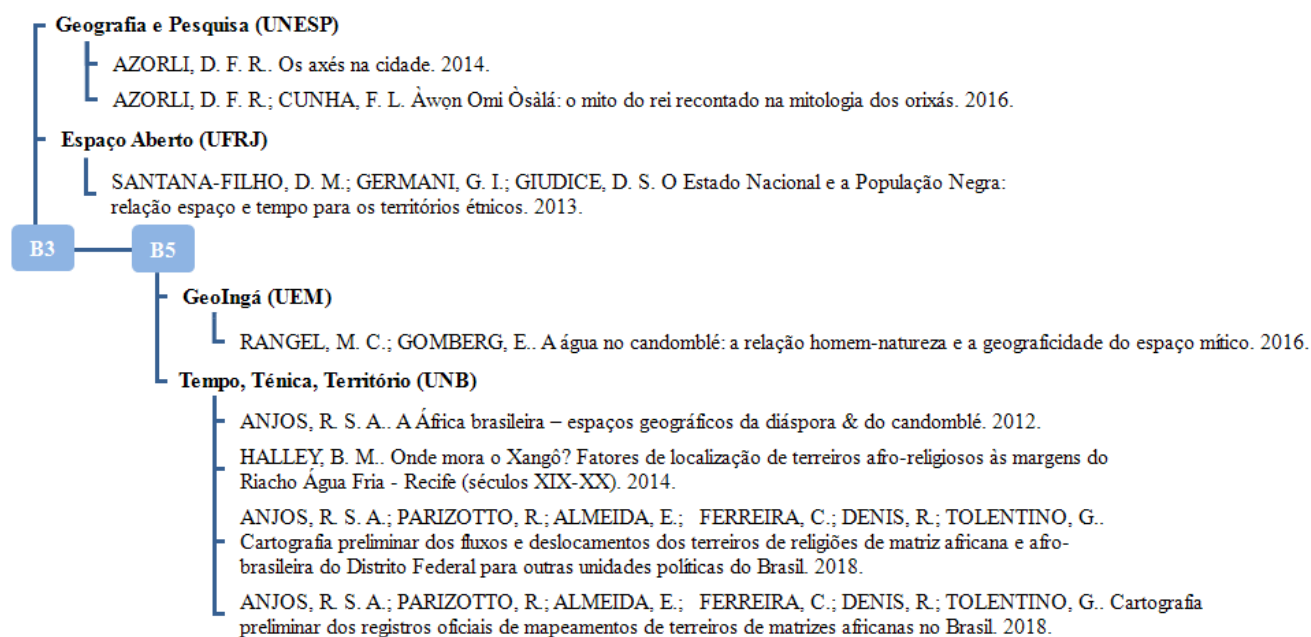
fonte: Os autores.

Figura 4 – Artigos publicados em periódicos de excelência nacional (B1/B2)



fonte: Os autores.

Figura 5 – Artigos publicados em periódicos de relevância científica mediana (B3/B5)



fonte: Os autores.

Com a conclusão do levantamento dos dados bibliográficos foi possível observar que, em termos quantitativos, apenas 20% das revistas analisadas apresentaram debates sobre as dinâmicas socioespaciais que envolvem o processo de organização dos terreiros de candomblé e que, no universo de exemplares publicados entre 2000 e 2019, aqueles que apresentaram abordagens sobre o tema em análise correspondem a apenas 1,2% do total.

Os terreiros de candomblé na perspectiva geográfica

Seguindo as críticas apontadas, ressalta-se que os estudos sobre as diferentes formas de manifestação da religiosidade negra no espaço passaram a ter visibilidade no âmbito geográfico somente a partir de meados dos anos 1990. Portanto, por ser recente a produção de tais abordagens, é importante sinalizar os trabalhos de alguns autores que, de certo modo, delinearam caminhos para a compreensão das dinâmicas socioculturais e religiosas dos terreiros de candomblé a partir de análises geográficas.

Em 1996, Ângelo Serpa publicou na revista *Tempo Social* o artigo intitulado “Ponto convergente de utopias e culturas: o Parque de São Bartolomeu”, onde discute as diferentes formas de uso e apropriação do espaço – no caso, o Parque São Bartolomeu, na periferia da cidade de Salvador-BA – a partir da perspectiva histórica de diferentes agentes culturais: indígenas, quilombolas e principalmente candomblecistas, introduzindo a questão do candomblé no campo da ciência Geográfica.

Embora o debate proposto pelo autor esteja alicerçado em referenciais geográficos, acredita-se que sua divulgação em veículo de comunicação específico das Ciências Sociais tenha concorrido para sua “invisibilidade” e seu subaproveitamento nos debates geográficos dos anos seguintes.

Nesse caso, vale enfatizar que foi só no início dos anos 2000 que os estudos sobre as manifestações afroreligiosas ganharam visibilidade na agenda geográfica. É nesse contexto que os estudos de Aureanice de Mello Corrêa, realizados entre 1999 e 2004, durante a produção de sua tese de doutoramento, *Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global*, entraram nos debates geográficos após a divulgação dos textos: “A paisagem e o trágico em ‘O amuleto de Ogum’” (2001, em coautoria com Barbosa); “Território, cultura e identidade: o terreiro de candomblé como imaginação geográfica” (2002); “A paisagem conivente: a semiografia do território através do geossímbolo” (2005a); “Não acredito em deuses que não saibam dançar: a festa do candomblé, território encarnador da cultura” (2005b), publicados em anais de eventos científicos e em obras organizadas a partir da coletânea de textos.

Ressalta-se ainda que, em suas abordagens, Corrêa (2001, 2002, 2004, 2005a, 2005b) e em recente publicação na revista *Geografia*, da Unesp (2019), caracteriza o processo de formação dos terreiros de candomblé como resultado da transposição de conjunto de “geossímbolos”, ora visíveis, ora não, numa “paisagem conivente” que permite a seus membros – a partir da imaginação geográfica – rememorarem a “África mítica” em suas celebrações. Fenômeno decorrente de um intenso movimento de (des)(re)territorialização das práticas culturais de origem negro-africana nos “territórios-terreiros” de candomblé, onde se reproduz a geograficidade de diferentes povos.

Tal análise segue em caminho até então inexplorado, pois se contrapõe aos estudos geográficos que compreendem o fenômeno religioso a partir da dimensão relacional entre o “espaço sagrado” e o “espaço profano” (Corrêa, 2006). O que nos permite afirmar que os estudos da autora tanto inauguram o debate acerca da questão religiosa afro-brasileira na Geografia como possibilitam compreender o terreiro de candomblé como um fenômeno geográfico que se constitui e/ou materializa em diferentes escalas e que, pela crítica da autora, pode ser analisado a partir de distintas categorias de análises, rompendo com os marcos dos estudos de Geografia da Religião amplamente divulgados no Brasil, desde meados dos anos 1990.

Importa pontuar que, nesse ínterim, em 2003, Jussara Cristina Vasconcelos Rêgo apresentou ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, sob orientação de Ângelo Serpa, sua dissertação de mestrado, intitulada *Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador-BA*, a qual alcançou divulgação no âmbito geográfico depois de a autora haver publicado a síntese de sua pesquisa na *GeoTextos*, em 2006.

Em sua análise, Rêgo (2006, p. 44) aponta que os ritos e os cultos celebrados nos terreiros de candomblé têm identidade própria ao se materializar nos diferentes espaços da cidade e enfatiza que esses domínios espaciais são demarcados por meio de “simbolismos territoriais” provenientes das peculiaridades de seu culto, crítica que lhe permitiu afirmar que “a forma de apropriação do espaço das comunidades de candomblé não possuem, necessariamente, uma referência física claramente definida e delimitada, até mesmo porque extrapola os limites dos terreiros”.

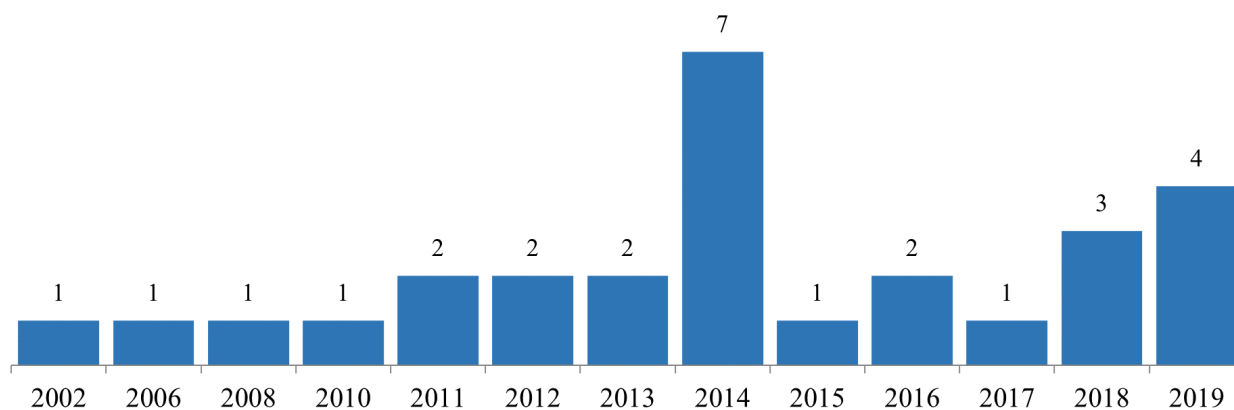
Nesse sentido, a autora sinaliza o impacto histórico de segregação socioespacial inerente em movimentos de territorialização dos terreiros de candomblé na cidade Salvador-BA, caracterizando o candomblé como um modelo de organização sociorreligioso cuja materialidade espacial se assenta na relação entre “territórios contínuos” e “territórios descontínuos”. Ou seja, “território contínuo” se configura para além de seus limites espaciais, pois tratar-se-ia daqueles “utilizados pelos integrantes da religião para realização de rituais que não podem ser realizados no interior dos terreiros e, por essa razão, também considerados sagrados, como territórios descontínuos” (Rêgo, 2006, p. 43).

Em síntese, observa-se que, por ser pioneiros em suas empreitadas, ambos os trabalhos têm uma preocupação notória e constante em caracterizar o candomblé como um objeto geográfico, sinalizando e inaugurando novos rumos interpretativos para o fenômeno, seja a partir dos movimentos de (des)(re)territorialização da população “negro-africana” em terras brasileiras que se articulam no processo de organização territorial dos terreiros, como fora apontado por Corrêa (2002, 2004, 2005a, 2005b, 2006, 2019), seja nos debates apresentados por Rêgo (2003, 2006), quando evidencia a violência e a segregação socioespacial histórica que ainda hoje afeta os terreiros de candomblé na cidade de Salvador. Nesse sentido, é possível afirmar que, além de reconhecer os terreiros de candomblé como fenômeno socioespacial, tais abordagens sinalizam o campo de possibilidades de sua compreensão a partir de distintas categorias geográficas de análise.

Estudos sobre terreiros de candomblé em revistas brasileiras de Geografia

Conforme exposto, os anos 2000 se apresentaram como terreno promissor para promoção do debate sobre a questão afroreligiosa. Entretanto, desde então, foram poucos os estudos e os autores que se aventuraram nesse campo de discussão (Figura 6). Questão, aliás, sinalizada por Melo (2019) ao identificar que, entre 2003 e 2017, os programas de pós-graduação em Geografia de todo o país haviam registrado apenas a produção de cinco teses de doutorado e 12 dissertações de mestrado dedicadas a compreender fenômenos socioespaciais atinentes ao candomblé.

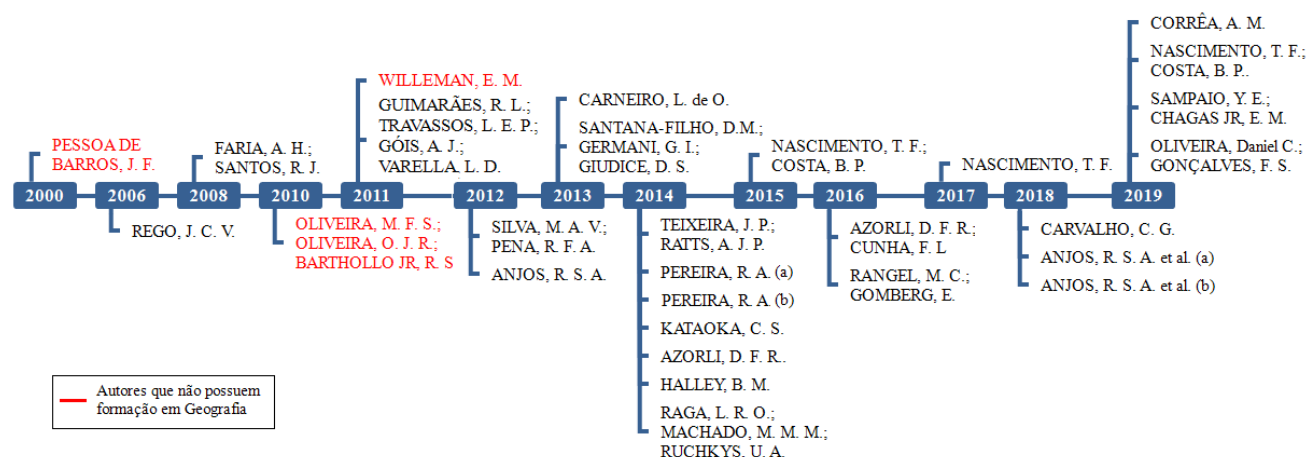
Figura 6 – Número de artigos sobre terreiros de candomblé publicados nas duas últimas décadas



fonte: Os autores.

No que se refere aos artigos publicados em revistas brasileiras de Geografia entre 2000 e 2019, cumpre ressaltar que, dos 28 selecionados, três são de autores de outras áreas do conhecimento (inclusive o primeiro estudo registrado em revistas de Geografia publicado por Pessoa de Barros em 2000), que não se apropriaram efetivamente de categorias geográficas para elaborar suas análises, reduzindo ainda mais o número de pesquisadores que se debruçaram na compreensão das dinâmicas socioespaciais que envolvem o processo de produção, organização e gestão dos terreiros de candomblé, como se vê na Figura 7.

Figura 7 – Autores com graduação, mestrado ou doutorado em Geografia que publicaram estudos sobre terreiros de candomblé entre 2000 e 2019 em revistas brasileiras de geografia



fonte: Os autores.

Nesse caso, cabe pontuar que, embora seja pouco expressivo o número de estudos geográficos sobre a questão afrorreligiosa, os artigos que identificamos e analisamos apresentam uma grande variedade de temas e abordagens teórico-conceituais e metodológicas.

Logo, é possível notar a estruturação de debates fundamentados em estudos de Geografia da Religião, compreendendo o fenômeno socioespacial de imanência dos terreiros de candomblé a partir da relação entre o “espaço sagrado” e o “espaço profano”; estudos realizados sob referenciais da Geografia Humanista que recorrem à categoria de lugar para compreender a relação do homem com o terreiro (aspectos do mundo vivido) e demais espaços de culto que se estendem para além dele; e estudos elaborados sob vieses da Geografia Cultural que adotam o território e a territorialidade, a partir de abordagens dialético/fenomenológicas empregadas numa perspectiva “relacional, multidimensional e interescalar”, em que as estruturas de poder são/estão alicerçadas principalmente em fatores culturais e também políticos e econômicos.

Acrescenta-se ainda que os estudos sobre terreiros de candomblé conduzidos de tais perspectivas se constituem a partir de diálogos e análises interseccionais em que as estruturas simbólicas (materiais e imateriais) de poder que orientam as dinâmicas socioespaciais dos terreiros de candomblé são debatidas de perspectivas contra-hegemônicas que recorrem a debates sobre cultura, natureza, corporeidade, gênero, raça e sexualidade, entre outros, elaborados sob a lógica da (r)existência dos próprios sujeitos; nesse caso, a partir do conhecimento dos povos

negro-africanos e afrodescendentes que constituíram as bases e as tradições das religiões de matriz africana ou afro-brasileira em geral.

Desse modo, destaca-se que os “entres” das pesquisas que caracterizam as abordagens interseccionais adotadas pelos autores (re)desenham sob prismas distintos as análises geográficas empregadas em seus estudos, o que torna uma tarefa complexa categorizar e/ou descrever pormenorizadamente cada uma das análises identificadas sem incorrer ao erro de minimizar sua relevância.

Assim, para apresentar os debates divulgados pelas revistas brasileiras de Geografia nas duas últimas décadas, os artigos selecionados foram agrupados (de acordo com suas características propositivas) em cinco eixos temáticos:

- a. **os terreiros de candomblé e a questão socioespacial** – estudos dedicados à busca pela caracterização teórico-conceitual dos terreiros de candomblé como fenômeno geográfico em diferentes escalas. Nesse eixo, estão agrupadas as pesquisas de Rêgo (2006), Faria e Santos, R. (2008), Silva e Pena (2012), Santana-Filho, Germani e Giudice (2013), Kataoka, Alves e Sahr (2014), Azorli (2014), Azorli e Cunha (2016), Carvalho (2018) e Corrêa (2019), que, direta ou indiretamente, dedicaram-se a categorizar os espaços de cultos afro-religiosos tanto que se desenham entre os limites espaciais dos terreiros de candomblé quanto que se estendem para além dele. Questões inerentes aos movimentos de (des)(re)territorialização da população negra no processo de constituição, organização e gestão dos terreiros de candomblé; processos de expropriação e segregação socioespacial; reconhecimento e direito ao território; experiências do mundo vivido e a constituição dos lugares sagrados; conflitos territoriais por motivo de racismo ou intolerância religiosa são analisados pelos autores de diferentes perspectivas, sempre ressaltando os aspectos da resistência e da luta dos membros do candomblé.
- b. **cultura, natureza e imbricações mítico-religiosas no espaço** – debates que envolvem espaços de cultos afro-religiosos a partir de narrativas mítico-religiosas e filosóficas que definem as relações entre homens e demais divindades com a natureza. Na esteira desses debates, encontram-se os estudos de Oliveira, M., Oliveira, O. e Bartholo Jr. (2010); Guimarães et al. (2011) e; Rangel e Gomberg (2016), cuja característica propositiva é compreender como os aspectos mítico-religiosos das tradições do candomblé orientam seus devotos em sua forma de se relacionar com a natureza (meio ambiente) e, consequentemente, com os espaços sagrados de celebração religiosa como matas, cachoeiras, rios, praias etc.
- c. **gênero, raça, sexualidade e corporeidade** – estudos sobre os fundamentos teóricos da análise da diferenciação/articulação das relações sociais de gênero, raça e etnia e de como tais questões se imbricam no processo de constituição, organização e poder nos cultos afro-religiosos. Nesse eixo, estão agrupados os debates propostos por Willeman (2011), Carneiro (2013), Nascimento

(2017) e Nascimento e Costa (2015, 2019), que compreendem os estudos de discriminação e segregação socioespacial; a questão do corpo feminino, transexual e travesti em relações hierárquicas assimétricas de poder no candomblé e; as imbricações entre corpo, espaço, sexualidade e a questão do sagrado nos processos de territorialização das religiões afro-brasileiras.

- d. **as festas afrorreligiosas como manifestações da cultura no espaço** – debates acerca das diferentes formas de manifestação do sagrado a partir da celebração das festas afrorreligiosas. Mitos, cantos, músicas, danças e alimentos e o ato de festejar, entre outros elementos que caracterizam as festas em homenagem aos Orixás, Caboclos e demais divindades das tradições do candomblé, são estudados por Pessoa de Barros (2000), Pereira (2014a, 2014b), Ratts e Teixeira (2014), Oliveira, D. e Gonçalves (2018) e Sampaio e Chagas Junior (2019), como “pressupostos sagrados” que ditam regras e comportamentos sociais que orientam os devotos em sua forma de se relacionar com o espaço, ao mesmo tempo em que (re)desenham as paisagens, alteram o sentido dos lugares e, por meio de suas territorialidades, configuram outros e novos territórios, colocando-se em determinados momentos em situações de conflitos pelo direito de uso do espaço.
- e. **perspectivas cartográficas e mapeamentos participativos** – debates geográficos realizados a partir de abordagens cartográficas destinadas a compreender os movimentos de (des)(re)territorialização e/ou de mobilidade socioespacial dos terreiros de candomblé no território nacional. Os estudos de Anjos (2012), Anjos et al. (2018a, 2018b) e Halley (2014) rumam nesse prisma e relacionam tais abordagens com o mapeamento participativo em estudos sobre a localização e difusão dos terreiros de candomblé em diferentes cidades brasileiras. Ainda nessa perspectiva, encontra-se o estudo de Braga, Machado e Ruchkys (2014), que analisando os saberes tradicionais dos terreiros de candomblé e sua relação com a natureza – abordagens do eixo (b) –, mapearam o município mineiro de Santa Luzia, relacionando os saberes tradicionais das comunidades de candomblé com os espaços naturais disponíveis no âmbito local, gerando um mapa de potencialidades de uso e apropriação dos espaços naturais para celebração das cerimônias do candomblé e demais religiões afro que ultrapassam os limites dos terreiros.

Conforme sinalizado, nas duas últimas décadas, os estudos sobre a organização socioespacial dos terreiros de candomblé se constituíram sob diferentes referenciais teórico-conceituais e abordagens interseccionais. Fator relevante, pois, a nosso ver, o uso de diferentes escalas e categorias de análises e o diálogo com conceitos de outras áreas do saber científico contribuíram/contribuem para a produção de outros e novos eixos de análise e saberes.

Considerações finais

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “Os estudos sobre os terreiros de candomblé nas Revistas Brasileiras de Geografia: mapeando e registrando tendências e perspectivas socioespaciais”, realizado ao longo de 2019 no Neab/UEMG/Carangola. Seu objetivo, porém, foi concluído no fim do primeiro semestre de 2020, após uma cuidadosa análise e revisão das revistas e dos artigos apurados. Como se viu ao longo do texto, os procedimentos metodológicos adotados visaram elucidar quantitativa e qualitativamente os artigos produzidos na perspectiva geográfica que abordassem estudos sobre temas atinentes ao processo de formação, organização e produção de terreiros de candomblé, bem como dinâmicas afroreligiosas para além do espaço delimitado por terreiros.

O levantamento quantitativo foi revelador, mostrando que, ao longo dos últimos 20 anos, a pauta referente ao estudo socioespacial dos terreiros de candomblé foi pouco expressiva nos periódicos analisados. Conforme o resultado do levantamento dos dados bibliográficos, colhidos no acervo *on-line* das 88 revistas selecionadas, apenas 18 apresentaram artigos sobre o tema em tela, o que corresponde a 20% dessas revistas, e que, no universo dos 2.341 exemplares publicados entre 2000 e 2019, 28 tinham artigos sobre o tema, o que corresponde a apenas 1,2% do total.

O resultado chama atenção e permite afirmar que a exiguidade verificada tem raízes em condicionantes sócio-históricas de diferentes tradições geográficas que, ao longo da história da Geografia, desconsideraram o fenômeno religioso e, conseqüentemente, o fenômeno afroreligioso como objeto de estudo, excluindo-o do debate geográfico.

Em termos qualitativos, foi possível notar a grande diversidade de abordagens teórico-conceituais e interseccionais adotadas nos estudos identificados. Com isso, ficou evidente o diálogo entre a ciência geográfica e as demais áreas do saber científico no que tange à relação entre diferentes categorias de análise, com conceitos de outras áreas necessários aos debates propostos. Para os autores, tais prerrogativas podem ser consideradas estratégias que concorrem para a produção de outros e novos eixos de análise e saberes que enriquecem o potencial da ciência Geográfica como ferramenta essencial para compreender o fenômeno afroreligioso em diferentes interfaces que ainda precisam ser mais bem exploradas.

Referências

- ANJOS, R. S. A. A África brasileira: espaços geográficos da diáspora & do candomblé. **Revista Eletrônica: Tempo – Técnica – Território**, v. 3, n. 2, p. 33-48, 2012. doi: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i2.15441>.
- ANJOS, R. S. A.; DENIS, R.; PARIZOTTO, R.; ALMEIDA, E.; FERREIRA, C.; TOLENTINO, G. Cartografia preliminar dos fluxos e deslocamentos dos terreiros de religiões de matriz africana e afro-brasileira do distrito federal para outras unidades políticas do Brasil. **Tempo – Técnica – Território**, v. 9, n. 3, p. 31-37, 2018a. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ciga/article/view/17189/21296>. Acesso em: 3 jun. 2019.

- ANJOS, R. S. A.; DENIS, R.; PARIZOTTO, R.; ALMEIDA, E.; FERREIRA, C.; TOLENTINO, G. Cartografia preliminar dos registros oficiais de mapeamentos de terreiros de matrizes africanas no Brasil. **Tempo – Técnica – Território**, v. 9, n. 3, p. 38-47, 2018b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ciga/article/view/17191/21297>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- AZORLI, D. F. R. Os axés na cidade. **Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 8, n. 2, p. 70-85, 2014. Disponível em: <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/193>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- AZORLI, D. F. R.; CUNHA, F. L. Àwọn Omi Òṣàlá: o mito do rei recontado na mitologia dos orixás. **Geografia e Pesquisa**. (UNESP) Ourinhos, v. 10, n. 2, p. 9-16, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.22491/1806-8553.v10n2a002>.
- BRAGA, L. R. O.; MACHADO, M. M. M.; RUCHKYS, U. A. Modelagem de recursos da geodiversidade como suporte às práticas ritualísticas de comunidades de matriz africana. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 42, p. 233-248, 2014. doi: <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2014v24n42p233>.
- CARNEIRO, L. O. Geograficidades sagradas na Vila Mimosa: um mercado de corpo e de alma. **Geograficidade**, v. 3, n. 1, p. 17-38, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12827/pdf>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- CARVALHO, C. G. Experiências religiosas e dimensão espacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 17, p. 1-15, 2018. doi: <https://doi.org/10.4215/rm2018.e17006>.
- CORRÊA, A. M. Agenciamentos territoriais: as semiografias/territorialidades da prática cultural/religiosa afro-brasileira. **Geografia**, Rio Claro, v. 44, n.1, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14957/11566>. Acesso em: 6 jun. 2019.
- CORRÊA, A. M. O terreiro de candomblé: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural. **Textos Escolhidos de Cultura e Artes Populares**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 51-62, 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12620/9798>. Acesso em: 6 jun. 2019.
- CORRÊA, A. M. A paisagem conivente: a semiografia do território através do geossímbolo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 6., 2005, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2005a.
- CORRÊA, A. M. Não acredito em deuses que não saibam dançar: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia – Temas sobre Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2005b. p. 141-172.
- CORRÊA, A. M. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira**: de cultura alternativa a inserção global. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

- CORRÊA, A. M. Território, cultura e identidade: o terreiro de candomblé como imaginação geográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13., 2002, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2002.
- CORRÊA, A. M.; BARBOSA, J. L. A paisagem e o trágico em “O amuleto de Ogum”. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Paisagem, imaginário, espaço**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001. p. 71-102.
- FARIA, A. H.; SANTOS, R. J. Territórios de direitos culturais e étnicos das religiões de matriz africana em Uberlândia, MG. **Mercator**, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 19-27, 2008. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/173>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- GUIMARÃES, R. L.; TRAVASSOS, L. E. P.; GÓIS, A. J.; VARELLA, I. D. Cavernas e religião: os rituais de matriz africana na Gruta da Macumba e na Gruta do Feitiço, Lagoa Santa, Minas Gerais. **Ra’ega – O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 23, p. 263-288, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/24840/16649>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- HALLEY, B. M. Onde mora o Xangô? Fatores de localização de terreiros afro-religiosos às margens do Riacho Água Fria, Recife (séculos XIX-XX). **Tempo – Técnica – Território**, v. 5, p. 29-54, 2014. doi: <https://doi.org/10.26512/ciga.v5i1.22148>.
- KATAOKA, C. S.; ALVES, T. T.; SAHR, C. L. L. Articulação entre terreiros e quilombos no município de Ponta Grossa-PR. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 8, p. 130-134, 2014. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/1692/1528>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- MELO, E. C. **A compreensão das dinâmicas territoriais afroreligiosas a partir da perspectiva da afro-territorialidade**: um estudo sobre o processo de constituição, organização e difusão do Candomblé Kétu. 2019. 228 fl. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- NASCIMENTO, T. F. Códigos culturais nas religiões afro-brasileiras e de origem africana: percepções geográficas. **GeoSaberes**, Fortaleza, v. 8, n. 15, p. 41-50, 2017. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/568/561>. Acesso em: 7 jun. 2019.
- NASCIMENTO, T. F.; COSTA, B. P. Os terreiros de cultos afro-brasileiros e de origem africana como espaços possíveis as vivências travestis e transexuais. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 41, p. 25-36, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6431/4991>. Acesso em: 7 jun. 2019.
- NASCIMENTO, T. F.; COSTA, B. P. As vivências travestis e transexuais no espaço dos terreiros de cultos afro-brasileiros e de matriz africana. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 181-204, 2015. doi: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2015.29075>.

- OLIVEIRA, D. C.; GONÇALVES, F. S. Comida e o processo de transterritorialização no candomblé, umbanda e quimbanda em Bocaiúva, Minas Gerais, Brasil. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, SE, v. 29, n. 2, p. 107-126, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/9563>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- OLIVEIRA, M. F. S.; OLIVEIRA, O. J. R. ; BARTHOLO JR., R. S. Cultura, natureza e religião na constituição de territorialidade no candomblé da Bahia. **Revista de Geografia**, Recife, v. 27, n. 2, p. 26-39, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228800/23212>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- PEREIRA, R. A. Entre imagens e devoções: a pesquisa geográfica nas festas em homenagem a Xangô. **Geografar**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 45-62, 2014a. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v9i1.35377>.
- PEREIRA, R. A. Tributo a Iemanjá: festa(s) religiosa(s) na Praia do Cassino, Rio Grande, RS, Brasil. **Geografar**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 84-103, 2014b. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v9i2.35671>.
- PESSOA DE BARROS, J. F. Mito, memória e história: a música sacra. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 9-10, 2000. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7228/5224>. Acesso em: 7 jun. 2019.
- PLATAFORMA SUCUPIRA. Disponível em: <http://qualis.capes.gov.br/>. Acesso em: 4 mar. 2019.
- RANGEL, M. C.; GOMBERG, E. A água no candomblé: a relação homem-natureza e a geograficidade do espaço mítico. **Geoingá – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 23-47, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49327/751375140433>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- RATTS, A. J. P.; TEIXEIRA, J. P. Afoxé Axé Omo Odé: o “candomblé de rua” em Goiânia. **Geotextos**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 127-147, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/9268/8408>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- RÊGO, J. C. V. Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia. **GeoTextos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 31-85, 2006. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3038/2186>. Acesso em: 7 jun. 2019.
- RÊGO, J. C. V. **Territórios do candomblé**: a desterritorialização dos terreiros na região metropolitana de Salvador, BA. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- ROSENDAHL, Z. Construindo a Geografia da Religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 61-71, 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7734/5589>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- SAMPAIO, Y. E.; CHAGAS JUNIOR, E. M. “Xirê Orixá”: a produção do espaço sagrado nas formas musicais e sons de atabaques em um terreiro de Candomblé em

Belém do Pará. **Geograficidade**, v. 8, p. 204-216, 2019. doi: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.83.a13161>.

SANTANA-FILHO, D. M.; GERMANI, G. I.; GIUDICE, D. S. O Estado nacional e a população negra: relação espaço e tempo para os territórios étnicos. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 155-171, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2104/1871>. Acesso em: 4 jun. 2019.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 10a ed. Porto: Afrontamento, 1993.

SERPA, A. Ponto convergente de utopias e culturas: o Parque de São Bartolomeu. **Tempo Social**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 177-190, 1996. doi: <https://doi.org/10.1590/ts.v8i2.86431>.

SILVA, M. A. V.; PENA, R. F. A. Cidade, cultura e a disputa pelo direito ao espaço: segregação urbana das comunidades de terreiro na Região Metropolitana de Goiânia. **Ra'ega – O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 24, p. 38-51, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/26207/17477>. Acesso em: 3 jun. 2019.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

WILLEMANN, E. M.; Candomblé no Brasil: traçando uma nova geografia social de gênero, raça e classe a partir de uma proposta de sociabilidade outra. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 108-120, 2011. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1711/2192>. Acesso em: 7 jun. 2019.